

ID: 674

## Análise epidemiológica de doenças hipertensivas na Região Norte do Brasil entre os anos de 2018 a 2022

Lilian Marques de Freitas<sup>1</sup>, Ana Carolina Quintanilha Oliveira<sup>1</sup>, Denner Teles de Moraes<sup>1</sup>, João Vitor Araújo Frazilli<sup>1</sup>, Douglas Magalhães Cordeiro<sup>1</sup>, Marcos Maciel Pereira<sup>1</sup>, Tinara Leila de Souza Aarão<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Pará.

**Introdução:** Embora o Sistema Único de Saúde (SUS) ofereça tratamento gratuito para Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), em 2021, o Brasil atingiu o maior valor de óbitos pela doença nos últimos 10 anos, com uma taxa de 18,7 mortes a cada 100 mil habitantes. Dentro da vigilância epidemiológica é importante o uso de dados numéricos em informações, que podem direcionar políticas públicas em saúde e beneficiar profissionais na sua atuação na atenção básica ou hospitalar. **Objetivos:** Analisar quantitativamente óbitos ocasionados por doenças hipertensivas na região Norte brasileira, e suas variáveis entre os anos de 2018 a 2022. **Materiais e Métodos:** Pesquisa epidemiológica, quantitativa e descritiva, utilizando dados secundários do Ministério da Saúde, Sistema de Vigilância em Saúde e Coordenação Geral de Informações e Análises Epidemiológicas, considerando o sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). A localidade é a região Norte do Brasil, filtrados pela causa CID-BR-10: 067 entre 2018 a 2022. As variáveis utilizadas foram ano do óbito, sexo, idade, etnia, escolaridade e localidade dos óbitos por residência. **Resultados e Conclusão:** Houve 17.199 mortes registradas. A maioria das mortes em todo o período estava na categoria hipertensão essencial, seguido de doença cardíaca hipertensiva, e o ano com mais mortalidade foi o de 2020 (3.774). Entre 2019-2020 evidenciou-se aumento significativo nos óbitos. Entre 2020-2021 houve diminuição do número de mortes por HAS. As capitais com maior número de óbitos decorrentes de doenças hipertensivas, em relação a toda a região Norte, foram Manaus-AM (1.809) e Belém-PA (1.350). Além disso, o gênero masculino apresenta uma prevalência superior em relação ao feminino na hipertensão. A idade com maior número foi igual ou maior do que 80 anos (7.547). Em relação a etnia, prevaleceu a etnia parda, seguido da etnia branca e preta. Em relação à escolaridade, a maioria das pessoas possuía nenhum ano de escolaridade (6.126). Revela-se a necessidade permanente de reforçar sistemas de saúde em regiões menos favorecidas, onde dificuldades impactam negativamente no acesso ao tratamento. Indica-se que entender o perfil epidemiológico mostra-se essencial para promover equidade no acesso ao tratamento e gestão da hipertensão, especialmente em populações de baixa escolaridade, visando reduzir os impactos da doença no SUS.

**Descritores:** doença crônica; saúde pública; perfil de saúde.



Copyright Freitas et al. Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.